

**As tensões críticas da obra teórica e literária de Conceição Evaristo: o caso Aramides Florença**

*The critical tensions between the theoretical and literary works of Conceição Evaristo: the case of Aramides Florença*

**Diego Ravarotto da Costa**

Universidade Federal do Rio Grande

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2236-6663>

**Resumo:** Para o artigo em questão, dispomos lado a lado amostras da produção literária e teórico-crítica da escritora - e também doutora em Literatura Comparada - Conceição Evaristo. Isto nos permite traçar similitudes e desavenças entre aquilo que a mesma produz enquanto teoria e aquilo que dispõe no terreno da prática, o que nos leva à intenção final desse artigo: apresentar os desdobramentos do percurso analítico que envolveu o estudo acerca das imagens da maternidade presentes no conto "Aramides Florença", parte integrante de *Insubmissas lágrimas de mulheres*, publicado, originalmente, em 2011. Na história apresentada por Evaristo, centrada nessa narrativa-mulher cujas lágrimas determinam o tom que perpassa todos os itens desse compêndio, isto é, a resiliência e iminente permanência dessas mulheres frente aos temores e terrores por elas enfrentados, encontramos Aramides em um momento pós-catástrofe, instância na qual ela é sobrevivente dos jogos violentos originados pela competição masculina e agora se permite, enfim, ter algo que chama de seu, o filho Emildes, cujo pai nunca é nomeado. Dos múltiplos emaranhados interpretativos dessa história abre-se, portanto, um leque de discussões que atravessam áreas como da História da Literatura e da Crítica Feminista, expandindo, assim, nossa intervenção no interior desses meios, sendo possível reconhecer suas conquistas, assim como identificar suas falhas, trajeto este que deságua em uma complexa rede de (re)significações acerca da maternidade percebida pelo ponto de vista das mulheres negras.

**Palavras-chave:** Conceição Evaristo, maternidade, feminismos, corpo feminino negro.

**Abstract:** For this article, we have laid out side by side samples of the literary and theoretical-critical works of Conceição Evaristo, a writer and also a PhD in Comparative Literature. This motion allows us to point out similitudes and incongruences between what is produced by Evaristo in terms of theory and what she then puts down on paper, which leads us to this article's main objective: to present the developments of the analytical course that serves as backbone to the study we have proposed which focuses on analyzing the images of maternity found in the short story "Aramides Florença", a part of Evaristo's *Insubmissas lágrimas de mulheres*, originally published in 2011. In this short story or, better yet, this narrated-woman, we witness tears that set the tone for the remainder of the stories found in this compendium, that is, the image of resilience and imminent permanence of these women when facing the terrors that confront them. Aramides, for example, is found by our narrator

in a post-catastrophe moment in which she can be seen as the survivor of the violent games of male competition and also is now someone who can freely call something or someone hers which, in this case, is her son Emildes, whose father is never given a name in the story. From the multiple interpretative conundrums that pour out of this story, a myriad of discussions opens up, traversing areas of study such as Literary History and Feminist Studies and letting us in, which makes it easier to understand what are the great triumphs of these areas as much as their specific downfalls, a pathway that gets us to the complex understanding of how maternity may be diversely perceived by black women.

**Keywords:** Conceição Evaristo, maternity, feminism, black female body.

### **Cultura da barbárie e esperanças**

Ao buscar por um título capaz de recobrir a proposta desse artigo, optamos por ceder nossa atenção ao texto do filósofo alemão Walter Benjamin, que, em ensaio intitulado “Sobre o conceito de história”, discorre, em um dado momento, acerca da ideia de *tensão crítica*, uma ideia que tanto pode nos carregar até ao máximo que podemos tencionar algo ou alguém ao ponto de rompimento, como também nos leva a abarcar o entendimento de um tipo de tensão que envolve o pensamento crítico e que, munida do primeiro possível conceito, também se torna situação extrema, dessa vez não somente em um contexto de rompimento, mas também de expansão ou explosão de sentidos. Para que entendamos a fundo essa ideia, pensemos no seguinte cenário que nos pinta Benjamin:

Quando o pensamento para, bruscamente, numa configuração saturada de tensões, ele lhes comunica um choque, através do qual essa configuração se cristaliza enquanto mônada. O materialista histórico só se aproxima de um objeto histórico quando o confronta enquanto mônada [...] uma oportunidade revolucionária de lutar por um passado oprimido (Benjamin, 1994, p. 231).

Lidando com a dualidade das produções historicistas e histórico-materialistas, Benjamin percebe a primeira enquanto um jogo de adição, que soma acontecimentos ao seu todo sempre em desenvolvimento, mas não usufrui de pensamento crítico, tampouco busca as fontes daquela informação, permitindo, assim, que a História e, por conseguinte, a História da Literatura, que aqui mais nos interessa, permaneçam dominadas sob o jugo dos *vencedores e/ou opressores*. Quanto ao pensamento marxista ou materialista-histórico, que está por detrás das considerações do filósofo alemão, ele lida com esses espaços *saturados de tensão*, momentos de *tensão crítica* cuja resolução reside em debruçar-se sobre tal acontecimento ou dado histórico, tendo em vista seu contexto e seus antecedentes, para dentro dessa ínfima partícula de energia que ele chama de mônada poder-se, então, construir uma ramificação de novas possibilidades, fugindo de

um discurso único que silencia para um discurso multifacetado que elucida quem são os *silenciados* e *excluídos* dessa história.

Em uma narrativa histórica como a do Brasil, um *país traumatizado* que “jamais ajustou contas com duas dores terríveis, obscenas, a da colonização e a da escravatura” (Ribeiro, 1999, p. 11), torna-se imprescindível exercer esse pensamento crítico enquanto historiador e estudioso das produções jamais criadas no vácuo, mas, sim, no espaço da história nacional, visto que são essas tensões e questionamentos que, enfim, produzem o efeito inverso ao silenciamento que nos trouxe aqui: impele as vozes esquecidas a tomarem o primeiro plano e, em uma cacofonia de libertação, expõem suas dores e as injustiças sofridas, para que assim se desperte “no passado as centelhas da esperança” (Benjamin, 1994, p. 224). Desse *passado oprimido* que agora cintila, surgem as obras artísticas e literárias que se encaixam sob o título de *literaturas de resistência*.

Sabendo, de antemão, que “a arte pode escolher tudo quanto a ideologia dominante esquece, evita ou repele” (Bosi, 1996, p. 16), torna-se imediata a correlação entre as mônadas carregadas de tensão crítica e a arte enquanto o catalisador capaz de incitar a produção de uma explosão dessa partícula de poder em prol de uma reescritura daquelas narrativas contaminadas por uma certa empatia do historicismo pelo discurso dominante. Dentre esse conjunto de artes catalisadoras, encontra-se a *escrivivência* de Conceição Evaristo, autora e estudiosa brasileira cujos escritos repelem o passado dado enquanto reescrevem a história dos negros e negras que povoam a nação brasileira, mas que, ao mesmo tempo, entendem-se enquanto *outsiders*, relegados a rumar pelas margens e nunca em direção ao centro. Por tornarem-se, desse modo, parte de um grupo que, por tanto tempo, foi reinscrito sob uma categoria que o sentencia a um tipo de inexistência social, esquecem-se os dominantes de que esses sujeitos descartados e ditos descartáveis tem ainda em seu âmago um *eu*, uma essência vital que “dispõe de uma unidade, de uma identidade sólida que lhes dá um caráter, aquela mesma situação de marginalidade faz deles seres atípicos, excepcionais, surpreendentes, paradoxais” (Bosi, 1996, p. 25). E é essa centelha de esperança que reluz e queima na obra de Evaristo.

Nascida no ano de 1946 em Belo Horizonte, Conceição Evaristo concilia os espaços muitas vezes díspares da produção enquanto escritora de romances, livros de contos e poemas, e da produção teórico-crítica proveniente de sua formação acadêmica em Letras e do título angariado em 2011 de Doutora em Literatura Comparada. Com o lançamento de obras como *Ponciá Vicêncio* (2003), *Becos da memória* (2006) e *Olhos d'água* (2014), que se instituem atualmente enquanto clássicos modernos e/ou leituras imprescindíveis aos estudiosos de Literatura Brasileira, além do recebimento do prêmio Personalidade

Literária do Ano em 2019, Conceição Evaristo pavimentou uma trajetória sólida dentro da produção literária brasileira. Dona de um projeto literário próprio, a anteriormente mencionada *escrevivência*, Evaristo busca enuviar os limites entre o real e o imaginado, criando uma reescritura do eu feminino negro em textos que demonstram de que forma a resistência pode ser um movimento interno, inerente ao “foco narrativo, uma luz que ilumina o nó inextricável que ata o sujeito ao seu contexto existencial e histórico” (Bosi, 1996, p. 26).

Servindo de *corpus* analítico desse artigo, cujo objetivo principal é demonstrar o trajeto de análise que percorre tanto o contato com o texto literário de Evaristo quanto com sua produção teórico-crítica, ultimamente focada nas questões do feminino e dos feminismos, sempre aliadas a uma proposta de enegrecimento do entendimento de mundo fornecido por essas discussões sociais de base, surge em nosso primeiro plano o conto de abertura do compêndio *Insubmissas lágrimas de mulheres*, publicado por Evaristo, pela primeira vez, em 2011. O conto selecionado se intitula “Aramides Florença” e compõe uma obra que almeja construir um mosaico da vivência feminina negra a partir de treze narrativas-mulheres que sempre carregam o nome delas como título. Como explicitado em um texto introdutivo do livro, ele se desenvolve em segunda pessoa, já que presenciamos a autora Conceição Evaristo transmutar-se em uma peregrina em busca de histórias que visita essas mulheres para sentar-se ao seu lado e ouvir a história de suas *insubmissas lágrimas*, permitindo que nós também as escutemos juntamente dela.

Nesse caleidoscópio de dores e superações que é *Insubmissas*, uma multitude de vozes “a partir de seus corpos mulheres, concebem a sua própria ressurreição e persistem vivendo” (Evaristo, 2020, p. 95), o que permite que as temáticas abordadas por cada conto permeiem as mais variadas possibilidades, desde mulheres que buscam nomear-se novamente após escaparem de um ambiente familiar bastante tóxico até mães que fazem de tudo para protegerem seus filhos frente às violências desse mundo de homens. “Aramides Florença” serve de arranque a nossa jornada e é responsável por uma das mais contundentes amostras das causas que reverberam nessas femininas lágrimas insubmissas. No conto, acompanhamos uma conversa entre a autora/narradora e uma mulher de nome Aramides que, sentada em sua varanda com seu filho Emildes no colo, discorre sobre seu desejo de ser mãe e o caminho trilhado por ela e seu marido até o concebimento e, então, nascimento de Emildes, que resulta numa disputa masculina de egos adultos e infantis cuja vítima final acaba sendo o corpo de Aramides, abusada pelo marido em razão de um ciúme fervoroso.

Por se tratar de um texto que perpassa temáticas como a da maternidade, das imagens do feminino, das imagens e impressões que

afloram do corpo feminino sexualizado e grávido, da competição masculina por controle, dentre outros, achamos pertinente que abordemos e construamos uma base teórica que nos auxilie nessa análise, tendo em mente também que a base a ser construída na sequência servirá também de alvo das tensões críticas produzidas pelo conteúdo desse conto, esquematizado por Conceição Evaristo de modo a florescer de diferentes modos e, assim, produzir variadas interpretações, algumas mais favoráveis ao já discutido em termos de feminino e feminismo, no pensamento clássico, e outras que resistem ao já dito, construindo novos valores representantes de uma produção literária de autoria feminina negra. Sendo assim, passemos as mencionadas contribuições teóricas de base.

### **Mulheres, literatura e maternidade**

Em obra central aos estudos das relações generificadas e racializadas que compõem nossa sociedade, isto é, *O poder do macho*, de Heleieth Saffioti, encontramos a seguinte consideração: “ainda que a supremacia dos ricos e brancos torne mais complexa a percepção da dominação das mulheres pelos homens, não se pode negar que a última colocada na ‘ordem das bicadas’ é a mulher” (Saffioti, 1987, p. 16). Ora tidas enquanto força de trabalho transtornada em guardiã do lar, ora relegadas ao posto de sujeito incompleto cujo objetivo final é ser corpo e nunca gente, as mulheres intentam construir-se social e culturalmente há séculos, sendo barradas por conceituações ditas anteriores a sua existência mas que claramente foram elaboradas na frente de seus olhos e são reforçadas incansavelmente através de diversas mídias, sendo a História e a Literatura somente algumas delas.

Tendo em mente que “nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie” (Benjamin, 1994, p. 225) e que, por conseguinte, a transmissão dessa cultura forjada no fogo de diversas violências também violenta ao ser disseminada, somos levados a considerar a existência de uma categoria de seres castrados e cerceados por essa história de via única que entende esses sujeitos como menores ou escusos. Nessa categoria, estão dispostas aquelas nascidas sob o signo do feminino. Contudo, há em nossa história mundial uma série de insurgências que revolucionaram as posições antes assumidas por esses corpos cerceados. Tratamos, obviamente, do movimento feminista e de suas ondas.

Ganhando o título de *ondas* do feminismo por razão de suas idas e voltas, como um agrupamento revoltoso que, ao desaparecer por algum tempo, retorna ainda mais populoso e desafiante, assim como uma onda que, com cada retorno ao mar, volta com mais força para adentrar a areia da praia e expandir, assim, seu território, é a partir dessas flutuações disruptivas que o feminismo exerceu mudanças ao longo dos séculos. Buscando um recorte brasileiro dessas

movimentações, cedemos atenção ao ensaio de Constância Lima Duarte intitulado “Feminismo e Literatura no Brasil”, no qual elenca as quatro principais ondas do feminismo e seu efeito nas terras brasileiras. Quanto à primeira delas, por exemplo, deixa bastante claro que esta primeira onda, pertencente ao século XIX, “mais que todas as outras, vem de fora, de além mar, não nasce entre nós” (Duarte, 2003, p. 154). Filha de textos como os da inglesa Mary Wollstonecraft e da francesa Olympe de Gouges, conhecidas por serem alguns dos primeiros exemplos de autoras de textos responsáveis por reivindicar direitos ainda não adquiridos pelas mulheres, assim como por apontar o desbalanço social e cultural entre mulheres e homens, é na pena de Nísia Floresta Brasileira Augusta que o estrangeiro se torna familiar. Nesse primeiro momento, porém, as mulheres brasileiras ainda não gritam por uma liberdade total, mas, sim, buscam uma ínfima partícula de respeito. Em outras palavras,

O momento brasileiro impunha não o clamar por revoluções, mas por pequenas e necessárias mudanças no comportamento masculino com relação à mulher [...] Nossas mulheres precisavam, primeiro, ser consideradas seres pensantes, para então, depois, pleitear a emancipação política (Duarte, 2003, p. 154).

Somente com a chegada, mais tarde, de uma segunda e terceira ondas, responsáveis por nos carregarem até o século seguinte, é que se solidifica a presença feminina nas escolas e, mais a frente, nos dias de votação, assim como passam a brilhar pequenas luzes de um fogo desejoso que desaguará na quarta onda, aquela na qual a sexualidade se torna pauta central. Contudo, é importante denotarmos, tendo em vista o enfoque desse artigo, que algo que assombra todas essas ondas revoltosas é o fantasma da maternidade, constante artifício utilizado pelos contestadores para rebater os clamores por liberdade dessas mulheres, ora enaltecendo sua presença no lar e na criação das crianças, ora relembrando as mulheres do prestígio e do valor que o corpo feminino grávido carrega consigo tendo em vista o misticismo de tal ato. Lembremo-nos de que esse feminismo do qual falamos tinha uma face bastante distinta, e ela era branca e de classe média e/ou alta, logo, preocupava profundamente essas mulheres o fato de que

a resistência à profissionalização das mulheres de classe alta e da classe média permanecia inalterada, pois esperava-se que elas se dedicassem integralmente ao lar e a família. Apenas as moças pobres estavam liberadas para trabalhar nas fábricas e na prestação de serviços domésticos (Duarte, 2003, p. 158).

Logo, aqui fica claro um impasse no que diz respeito à visão cedida aos corpos femininos de classes diferentes e, muito provavelmente, raças

diferentes também. A luta se torna desunificada e a ideia universal de *mulher* passa a apresentar rachaduras e novas ramificações possíveis. É a este fator que nos agarramos para conjecturar acerca da produção teórico-crítica de Conceição Evaristo, que enfoca a questão da maternidade e o corpo feminino negro e suas diferentes representações em comparação com o que nos era apresentado em termos arquetípicos, histórica e literariamente, acerca do corpo feminino branco ou *universal*. De acordo com a pensadora e filósofa Lélia González, as concepções do feminismo brasileiro:

padeciam de duas dificuldades para as mulheres negras: de um lado, o viés eurocentrista do feminismo brasileiro, ao omitir a centralidade da questão de raça nas hierarquias de gênero presentes na sociedade, e ao universalizar os valores de uma cultura particular (a ocidental) para o conjunto das mulheres, sem as mediações que os processos de dominação, violência e exploração que estão na base da interação entre brancos e não-brancos, constitui-se em mais um eixo articulador do mito da democracia racial e do ideal de branqueamento. Por outro lado, também revela um distanciamento da realidade vivida pela mulher negra ao negar toda uma história feita de resistências e de lutas, em que essa mulher tem sido protagonista graças à dinâmica de uma memória cultural ancestral - que nada tem a ver com o eurocentrismo desse tipo de feminismo (González 1982, p. 98 *apud* Bairros, 2000, p. 57).

Enquanto as conversas e trocas entre europeias e brasileiras brancas fluem normalmente, ao inserirmos a vivência da mulher negra na roda de discussões, os enfoques tornam-se outros. Enquanto a mulher branca lutava pela sua libertação trabalhista, a mulher negra já era parte de um passado como força de trabalho escravo que fora substituído, muitas das vezes, por um trabalho análogo à escravidão e no qual estavam sob o jugo e a vigília de um homem ou mulher brancos. Enquanto a mulher branca enunciava sua luta em nome de uma pluralidade da qual não dava conta de reconhecer em seus pormenores, a mulher negra já entendia há muito tempo o que era lutar, de formas muitas vezes não tão diplomáticas quanto estas atuais, para ter o que era seu de direito. E, além disso, nessa história de lutas e reivindicações, a maternidade toma posto central, sendo renegada pelas primeiras em prol de um espaço no mercado de trabalho em detrimento da visão feminina negra desse fator humano e cultural cuja interpretação por essa parcela da sociedade é muito mais emblemática e complexa.

Em uma primeira leitura do texto selecionado como *corpus* analítico desse artigo, a crítica a obrigatoriedade da maternidade é instantânea tendo como arcabouço teórico a crítica feminista em sua parcela dita *universal*. Desde o primeiro retrato apresentado pela narradora de nossa protagonista Aramides, a mesma nem mesmo lhe dá seu nome,

mas sim ergue o menino que tem no colo, enunciando: “Esta é a minha criança [...] o meu bem amado” (Evaristo, 2020, p. 9). Sendo assim, o que temos certeza desde esse primeiro momento é que, antes de qualquer coisa, Aramides é mãe, um arquétipo propriamente erguido e mantido pela cultura, pela história e pela literatura. É impossível não questionar o que se posiciona por detrás dos pensamentos de Aramides quando nos é revelado que “ter um filho havia sido uma escolha que ela fizera desde mocinha, mas que vinha adiando sempre” (Evaristo, 2020, p. 11). Nos questionamos se essa decisão dita *dela* não seria, na realidade, fruto da influência desse espaço social e cultural que reforça a necessidade da mulher de encaixar-se em uma das duas grandes categorias femininas apresentadas por Rita Terezinha Schmidt no ensaio “Mulher e literatura”: a *mulher deusa* e a *mulher demônio*. Explica a estudiosa que

a representação da mulher oscila [...] entre dois polos. De um lado está a mulher deusa [...] a materialização do espírito feminino, o catalisador das forças da natureza que irradia o poder dos grandes mitos femininos [...] mãe terna e sensível ou esposa assexuada e submissa [...] natural é aquela que cumpre seu destino na domesticidade, procriando filhos e atendendo as necessidades do homem [...] ‘eterno feminino’ como antídoto às imperfeições do homem. De outro lado, está a mulher-demônio, a encarnação do sexo e da paixão por excelência e, portanto, a origem dos males que afligem o corpo dos homens e assolam seus espíritos (Schmidt, 1988, p. 121).

Logo, se nos é dada a chance de compreender o que Evaristo nos apresenta com esse conto de abertura de *Insubmissas lágrimas de mulheres*, a possibilidade de uma criação que almeja subverter a visão da maternidade enquanto calvário obrigatório ou dádiva feminina impossível de negar é o que nos surge a mente de imediato, e essa leitura se mostra possível quando, adentrando mais a fundo na narrativa, percebemos que ambos, marido e filho, exercem controle sobre o corpo de Aramides, “um bebê recém-nascido e um adulto disputando a supremacia dentro de casa, ambos querendo mamar da mesma mãe” (Silva, 1985, p. 9). Contudo, após uma segunda, terceira, talvez quarta leitura, esse imediatismo analítico, ainda que embasado, passa a se tornar instável e é a partir dessa constatação que retomamos outra vez a crítica feminista, mas, dessa vez, temos como objetivo ceder ouvidos ao que a produção feminista negra nos tem a dizer e o que, ultimamente, acaba por contestar acerca das *verdades* do feminismo branco e de classe média.

Sedimentando o terreno inicial desse novo percurso teórico está a estudiosa e professora universitária americana Patricia Hill Collins, que discorre sobre o fato de que

Trabalhos feministas dos anos 1970 e 1980 sobre a maternidade produziram uma crítica limitada dessa visão. Refletindo ângulos de visão de mulheres brancas de classe média, as análises feministas geralmente deixavam de lado os recortes de raça e classe. Dedicadas a desmistificar o ideal tradicional de família, as obras desse período questionavam as análises prevaletentes acerca das experiências vivenciadas por mães brancas de classe média. Essas críticas não foram capazes de questionar as imagens de controle das afro-americanas, muito menos as práticas que essas imagens pressupõem (Collins, 2019, p. 329).

Tendo esse cenário como plano de fundo, os estudos feministas passam, então, a adquirir olhar mais crítico sobre seu próprio conteúdo combativo, o que não impede que, mesmo atualmente, ainda tenhamos discursos que generalizam o signo do feminino ao ponto de ignorar as singularidades de certos grupos específicos de mulheres, sejam elas negras, indígenas, trans, dentre outras variáveis que afligem o caráter universal do feminismo clássico. Aprende-se, portanto, que os corpos femininos apresentam passados distintos e são entendidos e regulados de maneiras diferenciadas. Por exemplo, “enquanto as brancas discutiam sexualidade, as negras queriam tirar de si o peso de séculos de sexualização” (Fernandes, 2016, p. 705), visto que o corpo negro desde sempre se encaixou automaticamente na categoria de *mulher-demônio* e era carregado de luxúria enquanto o corpo da mulher branca era procriativo e um corpo sagrado de quem é mãe e produz a próxima linhagem; ambos usados, é claro, mas os requintes de crueldade diferenciam-se. Outra amostra dessa incapacidade das primeiras discussões feministas em incluírem o caráter interseccional ao que propunham pode ser visto no fato de que “a entrada da mulher branca no mercado de trabalho formal se deu às custas da exploração do trabalho doméstico da mulher negra” (Fernandes, 2016, p. 706). Os espaços ocupados são bastante distintos, isso agora se torna claro, contudo, de que forma a maternidade é entendida pela mulher feminista negra? Recorramos a um dos textos teórico-críticos de Conceição Evaristo.

Em “Chica que manda ou a mulher que inventou o mar?” de 2013 e “Literatura negra: uma poética de nossa afrobrasilidade”, de 2009, Evaristo elabora considerações acerca de como o passado escravo ainda assola a representação do corpo feminino na arte e, por conseguinte, as representações imagéticas que essas mulheres fazem de si, replicando a barbárie da cultura que lhes é transmitida. Quanto ao primeiro tópico, da representação artística, Evaristo sentencia:

A ficção ainda se ancora nas imagens de um passado escravo, em que a mulher negra era considerada só como um corpo que cumpria as funções de força de trabalho, de um corpo-procriação de novos corpos para serem escravizados e/ou de um corpo-objeto de prazer do macho senhor. Percebe-

se que a personagem feminina negra não aparece como musa, heroína romântica ou mãe. Mata-se no discurso literário a prole da mulher negra, não lhe conferindo nenhum papel no qual ela se afirme como centro de uma descendência. À personagem negra feminina é negada a imagem de mulher-mãe, perfil que aparece tantas vezes desenhado para as mulheres brancas em geral. E quando se tem uma representação em que ela aparece como figura materna, está presa ao imaginário da mãe-preta, aquela que cuida dos filhos dos brancos em detrimento dos seus (Evaristo, 2009, p. 23-24).

Aqui se pinta em cores fortes tudo aquilo que enuviava-se quando encaramos Aramides Florença pela primeira vez, com um arcabouço teórico superficial e generalizado em mente, que entendia, assim como sentenciado pelas feministas brancas do movimento, que a maternidade era a grande armadilha da qual o ser feminino deveria escapar, sem pensar que para algumas dessas mulheres há, em primeiro lugar, grilhões muito mais pesados que esses, visto que se tratam de sujeitas cujo corpo não é visto enquanto item sagrado de procriação, mas sim como objeto de uso sexual e procriativo de um senhor, e que, em segundo lugar, a maternidade pode ter nuances diferenciadas quando se atravessa décadas e mais décadas cuidando e amamentando e alimentando e mimando os filhos de outras linhagens, outras famílias, enquanto os seus crescem estranhos ao seio materno. Além disso, o papel da mulher-mãe, ainda que refutado como um arquétipo generificado que impediu, por muito tempo, e até hoje ainda surge em discursos fundamentalistas, que a mulher tivesse sua liberdade, é, apesar de todos os pesares desse cerceamento, uma posição centralizada, uma potente posição narrativa e “se na História do Brasil há pouquíssimos registros sobre a mulher branca como agente da nacionalidade brasileira, para as mulheres negras, todo e qualquer protagonismo [...] sofreu um apagamento histórico” (Evaristo, 2013, p. 138). Nos permitindo regular nosso olhar a partir desse novo trajeto teórico iniciado por Collins, sedimentado por González e delimitado por Evaristo, retornemos ao conto que almejamos analisar.

### **Tensões críticas em “Aramides Florença”**

Retomando a passagem referente ao primeiro encontro entre narradora e protagonista, há pouco analisada, percebemos que nossa visão já se modifica, deixando de lado a percepção que reduz Aramides a um prêmio disputado entre pai e filho para, enfim, tornar-se também parte dessa disputa por posses, visto que, desde esse primeiro momento, começam a ser elencadas todas as repetidas vezes em que se utiliza do pronome possessivo *meu* para se referir a Emildes e, além disso, notamos que o nome do pai de Emildes, seja pela violência que resultou da competição masculina ou não, é omitido pela protagonista, sendo, assim, o filho torna-se cria sua e somente sua, uma linhagem de fonte feminina. E se ter esse filho era uma escolha que Aramides tinha

tomado desde pequena, pode ser que a influência, enfim, não seja tão somente negativa quanto imaginávamos, respondendo a um tipo de visão sagrada da maternidade, mas, sim, também tendo essa escolha raízes na ancestralidade e no poder de dar continuidade a essa família, de prolongar os galhos dessa árvore genealógica.

Por consequência disso, observa-se que Aramides toma espaço central na narrativa enquanto a *mulher-mãe*, espaço comumente cedido ao corpo feminino branco, e Emildes surge como esse bebê que não é mais necessariamente corpo de trabalho, mas se permite, ao invés disso, ser mimado e reverenciado por uma mãe que, sob o poder do pequeno, se deixa controlar:

Aramides Florença buscava ser o alimento do filho. E, literalmente, era. O menino só se nutria do leite materno. A sopinha que o pediatra havia recomendado, e que a mãe preparava cuidadosamente, o bebê mal provava, recusando sempre. Ela, pacientemente, insistia, cantava, dançava, sorria [...] Mas quanto ao aceite da comidinha, nada. O pediatra insistia para que ela deixasse a criança padecer um pouco de fome [...] cumpriu o conselho. Passou quase um dia sem amamentar a criança. No final da tarde, seus seios jorravam uma láctea aflição que lhe empapava toda a veste, enquanto o pequeno faminto jazia triste, sem um choro sequer, quieto no bercinho. Subversivamente, a mãe descumpriu a ciência médica e ofereceu os seios ao bebê [...] uma peleja, a única, ameaçava o cotidiano dos dois. [...] Preferia o jogo da sedução, a dança e a música, mas a esperteza infantil era também grande. E o jogo que o filho fazia, emparelhado ao dela, era mais sedutor. A vitória sempre pertencia ao pequeno (Evaristo, 2020, p. 10).

Polêmica em seu repertório de adjetivações e dúvida na montagem das cenas, Evaristo nos presenteia com uma cena que tanto reverbera o que fora citado acima, esse ato de doação da mãe ao seu bebê e que, posto em oposição com o passado escravizado, em que as mulheres negras eram postas como cuidadoras dos filhos daqueles da casa branca enquanto os seus eram deixados sem essa figura frequente da mãe que amamenta, que cuida, que é, em suma, um *corpo-extensivo* e/ou um *corpo-alimento*, carrega potencial subversivo, quanto também é possível perceber uma segunda interpretação ainda mais disruptiva. Demonizando o serzinho masculino que invade, expande, distorce e, então, força seu caminho para fora desse corpo feminino, o filho, ainda que em sua inocência infantil, também já parece carregar consigo o poder do macho representado por seu pai, mas enquanto este último exerce controle com força e terror, o primeiro tem uma lábia mais sedutora, um choro que causa reações automáticas nesse *corpo-mãe* que está refém dos caprichos de seu filho e, dessa forma, constrói-se outro possível tópico de análise: nas mãos de quem resta o poder de posse, nas daquela que produz ou nas daquele que é produto?

Partindo desse ponto levantado acerca de quem tem o poder, para que discutamos mais algumas imagens referentes à maternidade presente no conto, referimos um conceito de Pierre Bourdieu, isto é, a mulher enquanto um *corpo-para-o-outro*, “incessantemente exposto à objetivação operada pelo olhar e pelo discurso dos outros” (Bourdieu, 2017, p. 93). Algo que aqui possa talvez ser generalizado, essa visão sobre o corpo feminino, em medidas e modos diferentes, assola todos eles, visto que este corpo pode ser *celebrado*, *violentado*, *habitado*, *exposto*, *juogado*, todos esses *status* dependentes de olhares outros, olhares que, como no panóptico de Michel Foucault, mantém esse corpo feminino ciente de suas limitações e de seus cerceamentos, tanto que, em determinado ponto, o olhar próprio se torna um olhar outro, e, assim sendo, a posse de si mesmo ou de qualquer outro ser se torna risível e impossível. Em “Aramides Florença”, nota-se a presença de ao menos três *status* do corpo feminino: o *extensivo*, acima discutido, e, além desse, o *celebrado*, ligado com a maternidade em seus estágios iniciais, e o *corpo-desejado*, objeto da disputa entre pai e filho em virtude do *contrato sexual* (Pateman, 2020).

Ainda que carregue poder subversivo em permitir a mulher negra essa posição central enquanto *mulher-mãe*, Evaristo também questiona um pouco dessa serenidade encontrada no cenário idílico que encontra ao chegar na casa de Aramides, visto que a encontramos em um momento pós-tormenta, já que a violência do pai de Emildes é passado e Aramides e aquele que a completa estão juntos. Contudo, há uma certa duplicidade em tudo que é narrado, como nessas passagens: “Por uns momentos me esqueci da mãe e me perdi na contemplação da criança” (Evaristo, 2020, p. 9) e, a seguir, em “Teria a criança, tão novinha [...] se rejubilado também com a partida do pai? Só a mãe, só a mulher sozinha, lhe bastava?” (Evaristo, 2020, p. 9). Tais dizeres carregam um peso que pende para os dois lados da balança ao mesmo tempo, ora reverenciando a presença materna negra enquanto *suficiente* e fazendo brilhar essa linhagem feminina e negra dificilmente encontrada em outras obras sobre maternidade, mas, por outro lado, há um tipo de perversidade na caracterização desse menino, que desconcerta e hipnotiza a narradora e que regozija no fato de ter a mãe toda para si. Evaristo consegue, com seu texto, forçar-nos por um caminho teórico diferente e que remonta a um passado singular e pertinente a representação de personagens negras enquanto mães, mas, ao mesmo tempo, se mantém justamente de mãos dadas com as críticas feministas, levando em consideração tanto a relevância desse ato feminino assim como as possíveis amarras que ele traz consigo. Além disso, entrando agora de vez na categoria do *corpo-celebrado* ainda que não tenhamos, obviamente, coberto todas as nuances referentes ao controle desse *corpo-extensivo*, vejamos de que forma o arquétipo da trindade familiar se vê personificado na obra de Evaristo, já que,

durante a gestação, Aramides se torna o centro das atenções, sendo adorada pelas capacidades praticamente místicas de seu corpo, que permitem jogos entre os familiares para adivinharem o sexo do bebê por vir e a tornam merecedora dos cuidados e felicitações de parentes e amigos. Esse é um período de contínua felicidade pois a trindade está assegurada e até mesmo o pai, “embevecido e encabulado com o milagre que ele também fazia acontecer, repartia os seus mil sorrisos ao lado da mãe” (Evaristo, 2020, p. 12).

Contudo, esse *corpo-celebrado* deve funcionar em confluência com os propósitos antes mencionados do corpo feminino enquanto um *corpo-para-o-outro* e, por consequência disso, a cena a seguir torna-se sacrilégio aos olhos da trindade agora maculada:

no último mês de gestação, quando meio sonolenta, já de camisola, mas ainda de pé, narcisicamente se contemplava no espelho do banheiro. Estava inebriada com a mudança do próprio corpo. Tudo nela aumentara. O volume de cabelos, a sobrancelha e até uma pequena verruga debaixo do braço (Evaristo, 2020, p. 14).

Esse ato, que Evaristo opta por incrementar com o advérbio *narcisicamente*, vai de encontro ao pensamento de que, enquanto *mulher-demônio/corpo-desejado*, a mulher aflige e assombra os homens e, enquanto *mulher-deusa/corpo-celebrado*, ela serve de objeto do amor e da admiração dos homens, logo, vislumbrar-se narcisicamente é inverter os polos dessa relação e não olhar mais para o próprio corpo como território de outro e sim como um espaço seu ou, ainda mais subversivamente, como um espaço habitado por outro *homem*, um menino que a expande e engrandece de dentro para fora sem o consentimento daquele que acredita ser seu dono, provável causa dos ataques que o pai de Emildes premeditadamente realiza, desde uma navalha descuidadamente esquecida entre os lençóis até o cigarro aceso que, nessa noite de olhares narcísicos femininos, esquenta a pele do ventre de Aramides até produzir uma segunda bolha que explode em águas em seu corpo. Evidenciadas nessas passagens do texto de Evaristo estão as considerações de Patricia Hill Collins, que explica como

a maternidade pode ser um espaço no qual as mulheres negras se expressam e descobrem o poder da autodefinição, a importância de valorizar e respeitar a si mesmas, a necessidade de autonomia e independência, assim como a crença no empoderamento da mulher negra. Essas tensões fomentam um espectro de respostas. Algumas mulheres veem a maternidade como um fardo que sufoca sua criatividade, explora seu trabalho e as torna cúmplices de sua própria opressão. Para outras, a maternidade promove o crescimento pessoal, eleva o status nas comunidades negras e serve de catalisador para o ativismo social. Essas aparentes contradições coexistem tanto nas

comunidades e nas famílias afro-americanas quanto nas mulheres individualmente (Collins, 2019, p. 333).

Contudo, antes que a serenidade desse momento de descobertas dessa *sujeita* feminina negra possa se concretizar, há violências a serem recordadas, frutos de um passado de sexualização que não escapa tanto ao corpo feminino imerso no contrato sexual do matrimônio, “no sentido do estabelecimento de um acesso sistemático dos homens ao corpo das mulheres” (Pateman, 2020, p. 16-17), quanto ao corpo negro entendido enquanto receptáculo do desejo e da lascívia, pois, enquanto o menino que habita o corpo de Aramides é símbolo de uma linhagem masculina, da continuidade do macho, ele e ela são adorados, mas quando esse bebê invade o mundo e começa, instintivamente, a tomar posse do corpo de Aramides e dele se alimentar, a competição masculina rouba o espaço central nesse jogo materno, transformando a *mulher-mãe* protagonista em presa a ser conquistada pela mordida mais forte.

Encerrando a história sem qualquer alarde sequencial, sem um desfecho que remonte a calmaria inicial, sem prenúncio de revolta feminina, Evaristo apresenta o lado mais horrendo do controle exercido pelo imaginário cultural bárbaro que dita e esquematiza o cerceamento do corpo feminino: a ideia de que ele está sempre aberto a invasões.

Estava eu amamentando o meu filho [...] quando o pai de Emildes chegou. De chofre arrancou o menino de meus braços, colocando-o no bercinho sem nenhum cuidado [...] No mesmo instante, eu já estava de pé, agarrando-o pelas costas e gritando desamparadamente. Ninguém por perto para socorrer o meu filho e a mim. Numa sucessão de gestos violentos, ele me jogou sobre nossa cama, rasgando minhas roupas e tocando violentamente com a boca um dos meus seios que já estava descoberto, no ato de amamentação de meu filho. E, dessa forma, o pai de Emildes me violentou. E, em mim, o que ainda doía um pouco pela passagem de meu filho, de dor aprofundada sofri, sentindo o sangue jorrar. Do outro seio, o que ele não havia tocado, pois defensivamente eu conseguira cobrir com parte do lençol, eu sentia o leite irromper. Nunca a boca de um homem, como todo o seu corpo, me causara tanta dor e tanto asco, até então [...] Esse homem estava me fazendo coisa dele [...] E quando ele se levantou com o seu membro murcho e satisfeito, a escorrer o sangue que jorrava de mim, ainda murmurou entre os dentes que não me queria mais, pois eu não havia sido dele, como sempre fora nos outros momentos de prazer (Evaristo, 2020, p. 17-18).

É notável que, nessa cena que, com a subtração de algumas linhas, encerra a narrativa de Aramides Florença, há uma retomada dos possessivos antes provenientes da fala da protagonista e que, desde o início de sua história, estavam atados ao fato de que aquele que carregou no ventre e agora trazia aos braços era o seu filho, uma posse que reverbera esse desejo transgressor da felicidade da mulher negra

em poder ocupar tal papel, de poder ter algo primariamente *seu*. Contudo, é nesse jogo de posses que a violência descrita acima se estrutura, já que observamos a construção de um ciclo, iniciado pela idealizada imagem da mãe com seu sagrado filho no colo - a *Madonna col bambino* - aqui retomada, num primeiro momento, pelo ato de amamentação que antecede o ataque e, depois, deturpada pela recriação desse cenário pelo pai de Emildes, que a penetra e, ao mesmo tempo, suga o seio que há pouco vertia leite para alimentar seu filho.

De *alimento* a *objeto sexual*, a violência desse ato descabido e última tentativa frustrada do macho para controlar a mulher que ele acredita estar escapando de sua vigília somente reforça a ideia de que os homens, enquanto indivíduos detentores de poder, são encorajados a considerarem seus corpos "como uma ferramenta, uma máquina e até mesmo uma arma, utilizada para bater no adversário 'reduzido ao estado de objeto'" (Badinter, 1993, p. 95) e que, dentro desse mesmo espaço semântico, os corpos femininos se tornam reféns de um ato sexual que, quando não é oferecido de bom grado, é, mesmo assim, forçosamente iniciado pois o ato de dominar "significa também enganar, abusar ou, como nós dizemos, possuir" (Bourdieu, 2017, p. 35). Logo, a maternidade se desenvolve em um universo de dominações e possessões que impele o corpo feminino a jamais estabelecer-se enquanto *ser* mas sempre enquanto *item* ou *artefato social* que é celebrado, desejado e objetificado em prol de ondulações sociais em cujo cerne está o progresso do âmbito familiar enquanto propagação do *homem*.

Por fim, é claro o poder que a *escrevivência* de Conceição Evaristo exerce sobre a evidenciação do protagonismo feminino negro, que não só são personagem central de suas próprias histórias como são responsáveis por contá-las a seu modo, escovando "a história a contrapelo" (Benjamin, 1994, p. 225) e se assenhorando da pena escritural, continuamente relegada a um grupo exclusivo da sociedade, ultimamente branco e macho, responsável por instituir as verdades, criando gênero, raças e classes. Em "Aramides Florença", somos convidados e até mesmo forçados a testemunhar o modo pelo qual esse corpo feminino, antes cheio de possibilidades, objetivos e felicidades, engrandecido e ovacionado por seu misticismo, é também controlado e vigiado diariamente, já que ao primeiro alarde narcísico, ele é forçosamente levado a reconhecer sua posição dentro do grande esquema social, e assim a posse da linhagem cuja centelha esperançosa brilhava no ventre de Aramides agora pende entre espaços de *ilusão* e possível *subversão*, sem qualquer certeza acerca de qual pesará mais na balança.

### Referências

- BADINTER, Elisabeth. XY: sobre a identidade masculina. Trad. Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BAIROS, Luiza. Lembrando Lélia González. In: WERNECK, Jurema et al. *O livro da saúde das mulheres negras - nossos passos vêm de longe*. Rio de Janeiro: Criola/Pallas, 2000.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da História. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas. Vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 222-232.
- BOSI, Alfredo. Narrativa e resistência. *Itinerário*, Araraquara, n. 10, 1996. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/viewFile/2577/2207>. Acesso em: 22 dez. 2023.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Marina Helena Kühner. Rio de Janeiro: BestBolso, 2017.
- COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. Trad. Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.
- DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. *Estudos Avançados*, 17(49), p. 151-172. 2003.
- EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afrobrasilidade. *Scripta*, v. 13, n. 25, p. 17-31, jul./dez. 2009.
- \_\_\_\_\_. Chica que manda ou a mulher que inventou o mar? *Anuário de Literatura*, v. 18, n. 1, p. 137-160, jan./jun. 2013.
- \_\_\_\_\_. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Rio de Janeiro: Malê, 2020.
- FERNANDES, Danubia de Andrade. O gênero negro: apontamento sobre feminismo, feminismo e negritude. *Estudos feministas*, n. 24(3), p. 691-713, set/dez. 2016.
- PATEMAN, Carole. *O contrato sexual*. Trad. Marta Avancini. São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- RIBEIRO, Renato Janine. A dor e a injustiça. In: COSTA, Jurandir Freire. *Razões públicas, emoções privadas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- SAFFIOTI, Heleieth. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Mulher e Literatura. In: SCHÜLER, Donaldo et al. *Mulher em prosa e verso*. Porto Alegre: Movimento, 1988. p. 117-145.

SILVA, Carmen da. *Histórias híbridas de uma senhora de respeito*. São Paulo: Brasiliense, 1985.